

## A identidade popular feminina frente aos saberes etnofármacos em uma comunidade rural de Jaramataia- AL

Edlânia Nunes dos Santos<sup>(1)</sup>; Edvaldo Nunes dos Santos<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup> Graduanda do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Endereço eletrônico: edlaniasanttos8@gmail.com; <sup>(2)</sup> Aluno de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), campus I- Arapiraca. E-mail: edvaldosanttos8@outlook.com.

**Resumo** - A pesquisa promove uma descrição do uso de plantas medicinais, de acordo com os saberes populares, no povoado Altão dos Cassianos, zona rural, município de Jaramataia- AL. A etnobotânica, enquanto área de indagação científica de observação de conhecimento ancestrais, nos permite apresentar tais práticas culturais e regionais como métodos fitoterápicos e farmacológicos de auxílio na cura de doenças específicas, tais como, diarreia, dor de ouvido, problemas renais, diabetes, enxaqueca. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas às mulheres de mais idade, matriarcas das famílias da região, enquanto o referencial teórico está amparado em trabalhos de cunho analítico. A importância deste estudo se dá pela necessidade existente de registros a cerca da utilização e manejo das ervas pelos habitantes do referido município, sobretudo, por não haver conhecimento de nenhuma pesquisa no local, o que acarretaria no apagamento histórico dessa prática, principalmente, após o desmatamento desenfreado da vegetação nativa e o falecimento de grande parte das mezinheiras mais velhas, detentoras das maneiras utilizadas para o preparo desses chás curativos. Assim sendo, podemos atestar que a junção entre os conhecimentos de cunho acadêmico e a tradição popular, nos permitiram incrementar as bibliografias em perspectivas etnobotânicas. Por meio deste trabalho, pudemos lançar um novo olhar sobre nossos costumes, enquanto participantes da comunidade pesquisada, e comprovar a eficácia das áreas de estudo transdisciplinares das ciências biológicas para a análise do uso e eficácia dos etnofármacos.

**Palavras-chave:** Altão dos Cassianos, Etnobotânica, Mezinheiras.

**Abstract** - This research promotes a description of the use of medicinal plants, according to popular knowledge, in the village Altão dos Cassianos, rural area, municipality of Jaramataia-AL. Ethnobotany, as an area of scientific inquiry for observing ancestral knowledge, allows us to present such cultural and regional practices as herbal and pharmacological methods to aid in the cure of specific diseases, such as diarrhea, earache, kidney problems, diabetes, migraine. Data collection took place through interviews with older women, matriarchs of families in the region, while the theoretical framework is supported by analytical works. The importance of this study is due to the existing need for records about the use and management of herbs by the inhabitants of that municipality, above all, as there is no knowledge of any research on the site, which would result in the historical erasure of this practice, especially after the rampant deforestation of native vegetation and the death of most of the older mezinheiras, who have the ways used to prepare these curative teas. Therefore, we can attest that the combination of

academic knowledge and popular tradition, allowed us to increase bibliographies in ethnobotanical perspectives. Through this work, we were able to take a new look at our customs, as participants in the researched community, and prove the effectiveness of the transdisciplinary areas of biological science for the analysis of the use and effectiveness of ethnopharmaceuticals.

**Keywords:** Altão dos Cassianos, Ethnobotany, Meizinheiras.

## Introdução

Segundo a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do SUS (PNPIC, 2006), de alguns anos para cá a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem expressado sua opinião sobre a importância de condecorar o uso de plantas com o objetivo de adquirir cura. Pois, tendo em vista que aproximadamente 80% da população mundial faz uso de fitoterápicos e que há predominância dessas práticas em países em desenvolvimento, os quais, contam com 67% da vegetação específica utilizada nesses tratamentos, como é o caso do Brasil. Logo, é nesse cenário que os estudos em etnobiologia, enquanto ciência voltada para as manifestações tradicionais de utilização dos saberes do povo, fazem-se de extrema necessidade.

No que cerne aos chás, garrafadas e seu preparo são, em sua maioria, as mulheres que ficam sendo as responsáveis. Assim como eram atribuídas à elas as tarefas da cozinha, também tornaram-se donas dos conhecimentos medicinais, repassados oralmente de mãe para filha, o que as coloca em uma posição guardiãs. É assim que a fitoterapia passa a fazer parte de uma grande teia da cultura popular, onde o saber, a mística e a ciência se interligam.

Atualmente, um fator que tem alterado muitas dessas práticas tradicionais é o desmatamento da flora tradicional da caatinga, o que levou ao difícil acesso de algumas ervas, que se tornam cada vez mais escassas e dificultam o trabalho de produção caseira das meizinheiras. As mudanças climáticas também têm gravemente afetado o bioma e causado a entrada de algumas plantas para a lista de espécies em risco de extinção.

Contudo, a zona rural ainda é o lugar que guarda maior número de farmacológicos. Poucos estudos, infelizmente, foram empreendidos nesses espaços não urbanos, o que contrapõe a riqueza cultural e de manejo do nosso povo, concordando com Elisabetsky (2003). Historicamente, os moradores dessas regiões afastadas da cidade não tiveram acesso à escolarização formal, sobrevivem do trato com a terra, do plantio de milho, feijão, hortaliças,

em geral, o que fundamenta seu respeito à ancestralidade da cura a partir da natureza. O Povoado Altão dos Cassianos, em Jaramataia-AL, foi o espaço escolhido para desenvolvimento da pesquisa, onde questionamos avós de quatro famílias distintas, promovendo de maneira contextualizada algumas perguntas sobre cozimentos, nomes das plantas e sua indicação. Ao recolher essas narrativas, condensamos em uma leitura à luz da teoria e dos preceitos da etnobotânica, o que revelou a necessidade de revisitação aos costumes milenares na promoção de um diálogo entre academia e tradição popular.

### **Procedimentos metodológicos**

Deu-se a partir de entrevistas semiestruturadas à mulheres mais velhas de três famílias, em um povoado à 6 Km da cidade de Jaramataia, estado de Alagoas. Explicamos nosso trabalho e criamos certa aproximação com as protagonistas da pesquisa, buscando questioná-las de maneira natural e, apesar de se sentirem um pouco constrangidas em um primeiro momento, suas respostas mostraram a importância da narração no processo de construção dos conhecimentos locais sobre plantas. Por fim, as entrevistas foram escritas e tornaram-se corpus para ser confrontado, onde analisamos os nomes populares das plantas, tal como, suas funções no trato de doenças e como seria a maneira adequada de preparar os chás ou infusões.

### **Resultados e discussão**

O antropólogo Stuart Hall (2008), argumenta que o conceito de identidade vem se tornando ponto central nas pesquisas contemporâneas. Segundo ele a ciência vem enxergando como não fechado, findado e, outrossim, atualmente podemos perceber que “está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada” (Op. cit. pg. 103). Seriam as manifestações culturais identitárias, a partir da perspectiva atual, como um grande mosaico, onde as peças se unem para figurar um desenho maior e, cada uma dessas pecinhas, só pode ser encaixada naquele ponto específico, que é em correlação com o seu par. Por assim ser, nossas crenças e manifestações estariam ligadas ao ambiente e ao momento em que são produzidas, não sendo possível interpretá-las fora desse escopo, logo, “nós precisamos

compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas específicas” (Op. cit. pg. 109).

É dessa maneira que gostaríamos de introduzir os estudos em etnofarmacologia, como sendo ciência que estuda práticas de cura em um determinado grupo étnico. É o que confirma Elaine Elisabetsky (2003) quando situa a sua compreensão do uso de fitoterápicos, desmistificando que o trato com as plantas é um saber não menos importante que o científico e que deve ser compreendido dentro de um sistema cultural específico. Segundo ela, a área de estudo “não trata de superstições, e sim do conhecimento popular relacionado a sistemas tradicionais de medicina” (pg. 35) e concluindo que “para apreciar o conhecimento popular é preciso admiti-lo como tal – um corpo de conhecimento” (*Ibidem*). Partindo das leituras desse referencial teórico, buscamos mostrar que as práticas de preparo de chás e garrafadas das mulheres do Povoado Altão constroem-se a partir de traços de uma identidade local, em muito ligada ao próprio espaço rural, e em um processo de dialógico com o a memória daquela coletividade.

Faz-se também necessário citar algumas questões geográficas e históricas do local de pesquisa. Já que, não existindo registro escrito, que seja de nosso conhecimento, sobre a constituição do povoado; as únicas informações localizadas são de fontes orais, sobretudo os mais velhos, que relatam sobre Cassiano Osano dos Santos, um dos primeiros moradores da região e que acabara emprestando seu sobrenome ao local onde moram, agora, seus descendentes. Ficando aproximadamente à 6 Km da cidade de Jaramataia, o lugar não possui delimitações precisas cadastradas, podendo-se projetar como uma faixa de terra onde vivem cerca de 20 famílias, ainda com algumas plantas da vegetação nativa e em meio à criação de bovinos e ao plantio de milho e feijão.

Essa relação de sobrevivência por meio dos recursos naturais propicia um conhecimento do uso das plantas. As mulheres, principalmente, possuíam responsabilidades nos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos, o que as aproximava dos saberes etnofármacos. Atualmente, no entanto, carecemos de perceber que a utilização de folhas de determinadas árvores, em processos de cura, vem moldando os papéis, tornando essas mulheres respeitadas dentro desse espaço de representação;

É possível compreender que o conhecimento a respeito do uso de plantas e das práticas do benzimento cumpriu, em sua história de construção, um duplo papel. Se inicialmente mantinha a mulher apenas no espaço doméstico,

progressivamente a aplicação desse saber-fazer com outras pessoas da comunidade fez com que acelerasse o processo da conquista e da sua valorização no espaço público, surgindo, então, o reconhecimento destas mulheres como especialistas locais. (SILVA, 2007 *apud*. VIU, *et. al*, 2010, pg. 139).

Os filhos e filhas mantem, respeitosamente, o que é dito por essas mulheres mais velhas, não havendo questionamento sobre a eficácia do uso fitoterápico desses chás medicinais, tornando-as importantes dentro de todo o processo de produção das bebidas. No entanto, nossas entrevistadas também denunciaram se certo medo da academia, já que, durante uma das entrevistas, uma delas disse “Eu não vou saber responder não minha fia” (Entrevistada 1), indicando uma de suas parentes mais novas que, segundo ela, já teria ido à escola.

Trazemos, logo abaixo, alguns excertos das entrevistas, nas quais, perguntamos se usavam plantas da região para tratar doenças, quais eram as plantas e para tratar quais doenças, como se preparavam os chás ou emulsões e com quem aprenderam o preparo.

Tabela – Respostas das entrevistas.

Número da entrevistada	Usa plantas para tratar doenças?	Quais plantas você usa?	Para tratar qual doença?	Qual o modo de preparar?	Com quem aprendeu a fazer?
ENTREVISTADA 1	Sim	Capim santo; Eucalipto; Cidreira; Hortelã; Catingueira (flor)	Calmante; Febre; Calmante; Gripe e febre; Tosse	Em todos os casos cozinha e toma o chá, sem açúcar.	Com as parentes, fazendo em casa.
ENTREVISTADA 2	Sim	Goiabeira; Jurubeba; Barbatimão	Diarreia; Tosse; Inflamação	Nos dois primeiros casos faz o chá. O último deixa as raspas na água e depois lava o fermento.	Com a madrastra.

ENTREVISTADA 3	Sim	Arruda; Boldo; Berinjela; Quebra-pedra	Dor de ouvido; Problemas de estômago; Diabetes; Pedra nos rins	Pinga o sumo no ouvido; deixa de molho e toma; faz o chá das folhas.	Com a mãe.
-------------------	-----	-------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------	------------

\* Fonte: Entrevista da pesquisa.

O capim santo (*Cymbopogon citratus*), é uma planta indiana. Estudos científicos averiguam a presença de uma substância calmante nas folhas, que comprova suas propriedades proativas no tratamento de problemas de insônia. Da mesma origem oriental, a cidreira, (*Melissa officinalis*), possui ácido cafeico e, assim, apresenta-se como antioxidante.

Seguindo essas ervas, a hortelã (*Mentha spicata*), também possui ação calmante, além de ter forte atuação em inflamações no trato respiratório, dialogando com o que foi citado na entrevista. A Jurubeba (*Solanum paniculatum*) é mencionado com ações descongestionantes do fígado, apesar de apresentar, da mesma maneira, efeito contra a febre. O barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*) realmente possui um composto chamado tanino, ajudando na cicatrização e, em geral, em problemas de pele.

Por sua vez, a arruda (*Ruta graveolens*) pode sim ter ações anti-inflamatórias. Além disso, vem-se apontando em sua composição ácido salicílico, uma substância antimicrobiana. No trato estomacal, não podemos negar a ação do boldo (*Peumus boldus Molina*), possuindo uma composição de alcalóides e flavonoides. O quebra-pedra é a denominação popular da espécie *Phyllanthus niruri* usada em tratamentos renais. Recentemente, alguns estudos experimentais vêm mostrando que a planta não possui toxicidade elevada e sugerindo efeitos que promovem a diminuição de cálculos renais (MARQUES, 2010), conversando com o que fora relatado em nossa entrevista.

Entretanto, etnofarmacologia não propõe um olhar sobre a utilização dessas ervas entendendo como irrefutável seu uso no tratamento. Nossa proposta é, a partir do conhecimento popular e científico, em processo de interação, construir novos conhecimentos sobre o uso de

propriedades ativas e cura de doenças. Assim, concordamos com Elisabetsky (2003), no que tange;

A coexistência de vários sistemas de saúde usados no mundo todo e sua utilização por diversas classes sociais, são evidências consideráveis de que a interação é dinâmica, levando a alterações em todos os sistemas que coexistem. É absolutamente fundamental para a estratégia etnofarmacológica que se compreendam os conceitos do sistema do qual se obtêm novos paradigmas de uso de droga (Op. cit. pg. 35-36).

A identidade das moradoras do povoado Altão dos Cassianos é revelada a partir das práticas de cura por meio dos saberes etnobotânicos e, sendo marginalizadas pelos estudos científicos sobre a região, essas correm risco de cair em esquecimento. Seus saberes tradicionais vêm, cada vez mais, sendo apagados pela presença de um sistema de opressão que, ao renegar as identidades dessas matriarcas, empurram-nas para um lugar de marginalidade.

Todavia fica claro, no discurso dessas mulheres, a resistência ao modelo social que as tenta negar seu lugar. Outra entrevistada revela, “as veis os remédio do mato serve mais que os do posto” (Entrevistada 3). Ela cita o posto de saúde como evidência aos medicamentos produzidos pelos grandes centros que, apesar de usarem plantas e métodos de ciência do povo, em sua opinião, renegam seu valor. Sabemos que as plantas servem desde a antiguidade como fonte de recuso no tratamento de males, porém, não podemos negar que seu uso discriminado pode sim ser prejudicial à saúde. Outra questão que salienta a importância dos estudos etnofarmacológicos e seu papel crucial de diálogo entre as práticas tradicionais e os novos conhecimentos sobre as características e eficácia das plantas medicinais, sempre de forma contextualizada.

Esses “remédios do mato”, nas palavras da mulher, fazem parte do ecossistema caatinga e, por outro lado, sua utilização por essas comunidades tiram-na do risco eminente da extinção, que assola muitas espécies de plantas nativas da região nordeste. Todas as entrevistadas apontam que aprenderam o trato com as ervas de outra figura feminina, o que nos leva a concluir que são as mulheres figuras centrais no processo de repasse dos conhecimentos sobre etnofármacos no povoado mencionado. Também não nos espantara quando todas responderam que usavam chás para tratar doenças, já que, a vida camponesa, o distanciamento com a cidade e a cultura local fermentam uma aproximação com ferramentas retiradas de meios naturais para a manutenção da sobrevivência.

## Conclusão

A pesquisa mostrou que todas as famílias que foram visitadas, do povoado Altão dos Cassianos, utilizam plantas no tratamento de problemas de saúde. As mulheres são responsáveis por fazer os chás. Essa prática coloca-as como responsáveis por registrar na memória coletiva os saberes ancestrais, guardando-o do esquecimento e assegurando a identidade do povo da região.

A etnobotânica mostra-se como ferramenta indispensável de estudo dessas práticas culturais, que ocorrem em relação com o meio ambiente. O caminho teórico fez-se por meio de leituras sobre os conhecimentos tradicionais e uso de fitoterápicos, a antropologia, no que refere a sua utilização pelo povo. Foram selecionados os trechos das narrativas em que se apresentam constatações sobre a preparação dos chás no povoado supracitado e, realizadas as análises sobre o protagonismo das mulheres dentro do processo de disseminação, assim, constatou-se que é por meio das mais velhas que vão se sustentando tais práticas e que elas só podem ser estudadas a partir de um recorte analítico específico, já que, não as percebemos indissociáveis do meio em que foram produzidas, onde são retrato das relações sociais.

## Conflite de interesse

Os autores não declararam conflito de interesse no momento da submissão desse artigo.

## Referências

BRASIL, Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde**. Departamento de Atenção Básica. Políticas Nacionais de Práticas Integrativas e Complementares no SUS- PNPIC-SUS/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

ELISABETSKY, Elaine. **Etnofarmacologia**. Cienc. Cult., São Paulo , v. 55, n. 3, p. 35-36, Set. 2003 .



HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In. SILVA, Tomaz. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARQUES, L. C. *Phyllanthus niruri* (Quebra-Pedra) no Tratamento de Urolitíase: Proposta de Documentação para Registro Simplificado como fitoterápico. Revista Fitos. v.5, n. 3, p.20-33, 2010.

SILVA, C. S. P. **As plantas medicinais no município de Ouro Verde, GO, Brasil:** uma abordagem etnobotânica. Brasília, 2007. 153p. Dissertação. (Mestrado em Botânica) - Universidade de Brasília.

VIU, Alessandra F. M.1; VIU, Marco Antônio de O. 2; CAMPOS, Letícia Z. O. **Etnobotânica:** uma questão de gênero? Revista Brasileira de Agroecologia. Porto Alegre, 5(1), p. 138-147, 2010.